



CENTAUROS – HIBRIDISMOS ENTRE ARTE, FILOSOFIA E CIÊNCIA

Alice Parrela Medrado*

Resumo: Este ensaio explora as singularidades da arte, da filosofia e da ciência entendidas como diferentes regimes de produção de conhecimento. Com base em um ponto de vista nietzschiano, traçam-se algumas linhas comparativas entre tais regimes de conhecimento, a partir de questões sobre o modo como cada um deles se relaciona com a verdade e a subjetividade, apontando algumas sobreposições. O final do ensaio traz uma breve consideração sobre a atual crise da cultura.

Palavras-chave: arte, filosofia, ciência, conhecimento, verdade, cultura.

CENTAURS – HYBRIDS FROM ART, PHILOSOPHY AND SCIENCE

Abstract: This essay explores the singular traits of art, philosophy and science, taken as different regimes of knowledge. Based on a nietzchian point of view, one draws a few comparative lines among such regimes of knowledge, addressing issues on the way how each one of them relates to truth and subjectivity, and the points in which they overlay. By the end, the essay brings on a brief insight on the current crisis in culture.

Key-words: art, philosophy, science, knowledge, truth, culture.

“Ciência, arte e filosofia crescem tão juntas em mim que um dia parirei centauros”
(Nietzsche, carta a Erwin Rohde, 15 de fevereiro de 1870)

Este ensaio explora diferentes áreas da cultura a partir de algumas ideias que encontrei em diversos autores ao longo de muitos anos. De lá pra cá eu já misturei, cortei e estiquei tanto essas ideias que seria difícil devolver cada quinhão a seu proprietário original, como teria feito o bom ladrão de que Montaigne nos dá notícia. Deixo, ao final do texto, o mapa da mina, as referências dos textos a que tenho recorrido. A maior jazida é a obra de Nietzsche, em especial seu ensaio inacabado *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, mas não só. Assimilei também alguns dos autores que Nietzsche mais leu, e alguns dos que mais leram Nietzsche, de modo que o ponto de vista é nietzschiano.

Mas este não é um ensaio sobre história da filosofia, é sobre arte, filosofia e ciência enquanto práticas de conhecimento. Ele orbita algumas questões: o que é filosofia,

* Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2021). Mestre em Filosofia pela FAFICH/UFMG (2014). Bacharel em Filosofia pela FAFICH/UFMG (2010).



arte e ciência? O que se pode conhecer do mundo, e de nós mesmos, por essas vias? A arte está presente, de alguma forma, nas outras duas? O que esses regimes de conhecimento têm de semelhante e diferente entre si?

Na tentativa de levar essas questões até onde puder e couber aqui, começo pela arte, seguindo a pista nietzschiana de que todo conhecimento começa como uma operação artística. Diz Nietzsche que no momento mesmo em que percebemos um objeto qualquer estamos diante de uma obra criada pelo complexo sistema perceptivo e cognitivo que atua no corpo de cada um. Digamos, por exemplo, que uma árvore entre no nosso campo visual ou tátil: a primeira coisa que o corpo faz é traduzir essa presença em um sinal nervoso que é transmitido até o cérebro. Nietzsche dirá que essa é a primeira metáfora do processo de conhecer, porque o estímulo nervoso não é a árvore, é um acontecimento totalmente diferente, uma língua totalmente singular, que transmite algo a ser percebido como árvore. Esse estímulo nervoso, quando chega ao cérebro, gera uma imagem mental. Segunda metáfora, tão misteriosa quanto a anterior. Como é possível que os códigos físico-químicos que transitam pelo nosso sistema nervoso criem uma variedade infinita de imagens para representar o mundo? Como uma bomba de sódio e potássio se traduz em imagens? Nessa atividade cognitiva mais simples, primária, e exercida por todos nós a todo momento, já estão em jogo todas as operações artísticas básicas: recorte, simplificação, associação, imaginação, tradução, distorção, metáfora, metonímia, aplicação de cor, temperatura, textura, ritmo etc.

Mas esse é só o começo. Para que se possa comunicar uma imagem mental, ou seja, tornar comum essa imagem, é preciso associá-la a um som, que por convenção se torna um código sonoro, uma palavra. É preciso dizer “árvore” e toda vez que dizemos “árvore” reciclamos um som que não foi inventado por nós, que outras pessoas inventaram para servir a outras percepções diferentes da árvore que temos a nossa frente. Árvores de milhares de anos atrás, desde que há “árvores” e quem as veja. Considerando o processo todo desde que encontrei a árvore até quando falei “árvore”, essa já é a terceira tradução. Foi preciso que eu deixasse de lado todas as diferenças entre a árvore que eu vejo agora e as árvores que eu já vi e que outras pessoas já viram, para que essa imagem coubesse na mesma palavra que as outras pessoas usam. Foi preciso que eu falasse da árvore sem falar



da paisagem, da seiva, ou das diferentes folhinhas, ou do comprimento das raízes, ou da espécie de árvore, ou dos passarinhos e insetos que moram na árvore, tudo isso teve que ficar de fora pra que eu simplesmente pudesse concluir: precisamos plantar mais árvores.

Para lidar com as perdas de tradução entre uma metáfora e outra (tradução neural, imagética, sonora, linguística, pragmática), inventamos os conceitos, que são já uma interpretação do processo de perceber e dizer o mundo. O conceito, essa espécie de rede de pescar verdades, com sua intrincada trama de percepções, correções e possibilidades, por vezes se refere não ao que pescamos mas ao que poderíamos pescar, e que sempre escapa.

O conceito existe porque sabemos que ao perceber e dizer as coisas, não dizemos as coisas, dizemos de nós mesmos, das nossas relações com as coisas, das nossas intenções e interações com as coisas, das nossas necessidades e comandos. Só enxergamos nas coisas aquilo que nós mesmos colocamos. O conceito opera esse jogo de nos colocarmos nas coisas, e depois avaliar o que foi mesmo que colocamos, num eterno costurar e descosturar o que somos nós e o que são as coisas.

Esse jogo cognitivo e comunicativo é então um jogo artístico, inventivo, criativo, mas para jogar o jogo em sociedade, no dia-a-dia, é preciso aceitar algumas regras, e principalmente, agir como se isso não fosse um jogo. Em sociedade, é exigido que se diga a verdade. Não a verdade da árvore, porque essa a gente sabe que já perdeu desde o começo, quando a árvore virou um estímulo nervoso; a verdade que se diz é a verdade da convenção social chamada árvore. Se a árvore de que se fala é uma invenção, uma distorção da árvore original (se é que ela existe), e por isso de certa forma uma mentira, é preciso que todo mundo minta igual, se não a gente não se entende. O jogo social de comunicação é, então, um jogo de cartas marcadas.

É preciso sintetizar uma sensação múltipla numa única imagem, é preciso inventar um som, é preciso atrelá-lo a um conceito, é preciso criar a sensação de que a coisa sempre esteve nesse som e corresponde a esse conceito, é preciso apagar todo o esforço dessa criação, fingir que sabemos das coisas que nomeamos, e que falamos da mesma coisa que os outros falam quando falamos.

Espero que vocês consigam ver, comigo, como esse processo de perceber e falar o mundo é artístico, mas vou concordar com vocês se me disserem que a arte é outra coisa.



Pois bem, o que é a arte?

Parece que a arte é exatamente esse jogo de percepção, cognição e tradução, mas sem a exigência de dizer a verdade. Na arte estamos livres pra mentir, cada artista a seu modo. Platão dizia: mentem muito esses artistas. Que bom. É o trabalho deles. Na arte podemos por alguns momentos suspender a exigência social de mentir igual, de mentir de forma convencional, na arte se pode mentir diferente. Na arte podemos reembaralhar, distorcer, fruir e esbanjar as convenções. Quando entramos no cinema somos alertados de que aquilo que vai se passar diante dos nossos olhos não é verdade, é ficção, e qualquer semelhança com a verdade é mera coincidência. Não é verdade. Qualquer semelhança com a verdade é mera intenção, mas de todo modo a arte não trabalha com a verdade, trabalha com a semelhança. A semelhança, essa mentira que carrega uma verdade. Um desvio, um retorno, que traz mais para perto da verdade do que dizer a “verdade”. A arte constrói um conhecimento sem verdade. É curioso isso, não é?

Ao se livrar da exigência da veracidade, a arte encontra um caminho direto para os nossos afetos. Ela permite um mergulho pessoal no processo fisiológico e social de perceber, entender, traduzir as coisas, negociar essas traduções. Com isso ela permite um mergulho nas intenções, interesses, curiosidades, memórias, referências, sensações, desejos e ideias de cada um.

Mas se é verdade essa história toda, então a arte já estava lá desde o começo. A gente só precisou suspender temporariamente a exigência de veracidade, que só vem por demanda social, para fins comuns mas específicos. Isso significa então que todos nós naturalmente, fisiologicamente, fazemos arte na medida em que sentimos e entendemos o mundo. Alguns de nós fazem isso de um jeito mais interessante que os outros, parece... deve haver algo como talento, degustação, intensidade, técnica, prática. Mas todos nós fazemos. Se nos dedicamos a prestar atenção nesse processo, a fruir, observar e desenvolver um gosto pessoal nesse processo, é possível que criemos arte boa; se não, criamos arte ruim. Mas de todo modo criamos.

Eu gosto muito dessa leitura porque ela dissocia a arte e o gênio. O gênio pode até existir e ir para o museu, mas a arte é muito maior e muito mais bem distribuída do que isso. A arte está nos quadros, nas esculturas, nas sinfonias, mas também está na forma



como nos vestimos, nos movimentos cotidianos do corpo, nas palavras que escolhemos para nos comunicar, nos objetos de uso comum, nos alimentos que preparamos, nas piadas, nas paródias, nas brincadeiras, nos sonhos.

E o que é preciso para intensificar esse traço artístico congênito? Precisa-se de uma coisa cada vez mais cara, porque o sistema capitalista frequentemente transforma as coisas boas e raras em coisas escassas e caras. Essa coisa escassa de que precisamos para fazer arte é o tempo. Tempo para observar, testar e desenvolver uma relação pessoal com as nossas percepções e os objetos disponíveis. Além de tempo, coragem e boas referências que nos inspirem.

E o que a filosofia tem a ver com isso? O artista faz objetos, efeitos e práticas afetivas. O filósofo faz conceitos. O que é um conceito? É um jeito especial de usar a palavra, é uma palavra feita sob medida para expressar o ponto de vista do filósofo. A filosofia também é esse esforço de pegar palavras gastas, opacas, códigos sociais cristalizados, e remodelar essas palavras e esses códigos para que neles caibam melhor as percepções pessoais do filósofo.

O conceito, em geral, é uma espécie de algoritmo. Por exemplo, o Google desenvolveu um algoritmo para quando você pesquisa sobre o “vestido da Jennifer Lopez”: através desse algoritmo ele procura, acha e mostra imagens do vestido da Jennifer Lopez, ao invés de mostrar notícias sobre a política brasileira, ou sobre pandas, ou sobre o lixo nos oceanos, ou todas as outras coisas que não sejam o vestido da Jennifer Lopez. Ah, provavelmente ele não vai te remeter para qualquer foto da Jennifer Lopez usando vestido, mas para “o” vestido, aquele que todo mundo quer ver.

Outro exemplo, o conceito de “redes sociais digitais”, é um conceito que se aplica ao Twitter, ao Facebook, ao Instagram, ao Tinder, talvez, mas não se aplica ao site do Banco do Brasil, não se aplica a uma infinidade de coisas. O conceito é mesmo essa espécie de rede que filtra certas coisas e separa outras. Não importa se essas coisas de que o conceito trata já existem ou não. Se inventarem uma nova rede social, ela também vai caber nesse conceito. Se não couber, é porque já é outra coisa e vai precisar de outro conceito. O conceito se refere então a um campo de experiência possível.

No caso da filosofia, cada filósofo cria uma espécie de algoritmo que é o



conceito. O conceito de justiça de Platão é feito pra se referir a um tipo de arranjo ou situações possíveis, e deixar de fora outros. Justiça para Platão é usar os recursos de forma sábia para trazer o bem a todas as partes da cidade, ou da alma. Dar a cada parte aquilo que lhe é benéfico, na medida correta que permita um equilíbrio e harmonia entre as partes – da alma, ou da cidade. Para Trasímaco, justiça é vantagem do mais forte, e isso pra Platão é uma distorção inaceitável. É inaceitável que a palavra justiça seja usada assim. Trasímaco chama de justiça o processo pelo qual o poderoso toma o poder pela força e cria leis que lhe favoreçam, apesar do povo. Isso, pra Platão, não pode ser chamado de justiça, deve ser chamado de vício, de corrupção e tirania.

Na filosofia, então, o sentido das palavras remete diretamente ao filósofo. Dizemos o conceito de justiça de Platão, porque quando Platão fala “justiça” ele se refere a um tipo de coisa possível diferente do que Rawls designa quando diz “justiça”. Para Rawls é perfeitamente possível definir a justiça sem definir a alma. Mas os filósofos não escrevem simples definições, não escrevem dicionários. Escrevem diálogos, tratados, ensaios, cartas, aforismos, genealogias, prolegômenos, poemas, meditações – diferentes abordagens textuais para o esforço hercúleo de condensar uma série de teses, teorias, hipóteses, associações, relações, acontecimentos, definições e percepções num único conceito, numa única palavra.

Os filósofos brigam por palavras. Mas a filosofia não é uma mera briga por palavras. Platão briga pela palavra “justiça” porque busca harmonia, porque quer mudar a cidade. Spinoza insiste em “panteísmo” porque esse é seu modo de elevar as práticas espirituais. Nietzsche diz vontade de poder porque quer desbancar as interpretações morais do mundo. Marx diz mais-valia porque quer mostrar ao trabalhador um ponto cego bem embaixo do seu nariz. O conceito serve, no final das contas, para lidar com algo do mundo, para orientar e intensificar uma prática.

Vocês viram a relação com a arte? O conceito filosófico também é uma criação, uma invenção, e assim como a arte ela é uma criação pessoal. Nietzsche dizia: a filosofia é uma confissão involuntária da personalidade do filósofo. Assim como o artista, o filósofo quer comunicar uma visão íntima, um arranjo pessoal de impressões e valores, uma visão não estereotipada das coisas, uma visão insubordinada ao uso comum, insubordinada às



práticas convencionais. Assim como a arte, o conceito intensifica a experiência.

Qual é a diferença então? A diferença é que na filosofia não se suspende a exigência de dizer a verdade, o que faz a arte. A filósofa é uma artista que deseja, mais do que a arte, a verdade. Mesmo que a deseje como amante de uma amada indiferente. Mesmo que precise de anos de análise se questionando se essa amada realmente existe, se ela corresponde ao que pensa, se ela *é* o que pensa, se questionando por que, afinal, quer tanto essa verdade. A filosofia pode nunca responder a essas questões que rondam seu amor pela verdade, mas continua amando, desejando, buscando.

A suspeita da filósofa é que não se chega à verdade pelas práticas comuns de comunicação, porque essas são práticas, como dissemos, de mentir, de mentir junto, de mentir igual. A filósofa prefere sozinha, ou na companhia de amigos, procurar essa verdade que escapa às práticas comuns de comunicação. Na companhia de amigos quer dizer na companhia de outras e outros filósofos por quem sente atração, afinidade. Alguma coisa no desejo de Nietzsche pela verdade se conecta e intensifica o meu próprio desejo pela verdade. Isso *é filia*. E se seguimos o fio de um ou dois diálogos de Platão, essa filia se sucede ao sentimento ainda mais arrebatador de *eros*, o surpreendente deus dos filósofos. A filosofia é uma amizade que nasce do amor.

Assim como o amor, a filosofia é cheia de dúvidas. Assim como o amor, a filosofia envolve um esforço. Se o amor é bem amado, se há coragem de pensar e amar, saímos maiores e mais elevados do que quando entramos, mas nunca saímos inteiros, porque a verdade é uma danada que teima em escapar, deixando um abismo onde se achava ter certeza.

Mesmo na ciência, com todos os seus métodos e técnicas de captura e fixação, a verdade insiste em escapar. A ciência sabe disso e não se prende a nenhuma teoria específica. A ciência é um empreendimento cético, aprendeu com a filosofia que devotar-se à verdade é não alimentar pretensões de possuir a verdade. É suspeitando das “verdades” que segue seu jogo com a verdade. Assim que o princípio de suspeita exigir, a ciência abandona uma teoria antiga. Uma teoria cai, a pesquisa da verdade continua. E a ciência continua sendo ciência.

Como a ciência se compara às outras formas de conhecimento, arte e filosofia?



Assim como a arte e a filosofia, a ciência é invenção e é um saber-fazer. Os laboratórios, os recursos tecnológicos, os experimentos controlados, tudo isso é invenção humana, é a produção de condições humanas para a verdade, uma verdade que responde às nossas necessidades. Enxergamos o mundo com uma cabeça humana, inclusive na ciência, claro, não temos outra cabeça, outro ponto de vista que possamos adotar. E o ponto de vista humano, como vimos, desde o começo é marcado pela distorção, simplificação, adaptação, tradução, metáfora, etc. Talvez como todo ponto de vista.

A ciência trabalha com as operações artísticas que são nosso modo de inteligir o mundo. Só que ao contrário da arte, a ciência não quer esconder, mas revelar os mecanismos cognitivos que produzem essa miragem que chamamos de mundo. Ela quer explicitar e criticar os pressupostos, as condições, os erros, as falhas internas, com as quais produzimos nossas “verdades”. Assim como a filosofia, então, a ciência não suspende a exigência de verdade. Mas sua relação com a verdade é diferente. Não é aquela verdade que se busca por um desejo pessoal íntimo. Não é aquela verdade que se encontra pela própria singularidade de quem a conhece. A ciência não tem nada de pessoal, ou tem o mínimo possível. A verdade da ciência é aquela verdade que pode ser medida, esquadrinhada, exposta, testada, revisada, enumerada, controlada, e universalmente compartilhada.

A ciência disciplina os nossos impulsos cognitivos. Ela ensina a desconfiar sempre que achamos que já temos a verdade. Ela ensina que a construção da verdade não é algo fácil, nem definitivo. Ela ensina que nesse campo nossas pretensões pessoais não valem nada. Pretensão é uma palavra que afasta a verdade.

E “pessoal” é uma palavra que não combina com ciência. Ela não é um ponto de vista subjetivo. Se na arte descansamos da exigência de dizer a verdade, na filosofia descansamos do senso comum, na ciência descansamos da subjetividade. Que bom. Na ciência não importa o Eu. Ela é um empreendimento comunitário em larga escala.

Enquanto a filósofa conversa com amigos, a cientista trabalha com toda a comunidade científica internacional. É essa comunidade que cria as regras que orientam o trabalho científico em uma área, em uma época. É essa comunidade que garante que, mesmo que a verdade seja inalcançável, trabalhamos com os melhores métodos cognitivos



disponíveis no momento, os mais claros, os mais transparentes, os mais rigorosos, os mais eficazes. Na comunidade científica o conhecimento deve ser exposto, aberto, e seus pressupostos têm que ser explicitados de um jeito que faça sentido para comunidade como um todo. Que comunidade é essa? É a comunidade das universidades, dos centros e instituições de pesquisa. Quanto mais públicas e democráticas essas instituições, melhor elas atendem às exigências de clareza, explicitação e compartilhamento que são típicas do conhecimento científico.

A existência de uma comunidade científica é algo de extremamente valioso. Ela também é uma forma de nos elevarmos para além do senso comum, do erro e do opinionismo. A ciência sabe que o senso comum joga com cartas marcadas. O trabalho da ciência é mostrar *como* foram feitas essas marcas, e com isso ela realmente nos permite dar uma olhada no jogo como se visto de fora, do alto. Isso também é uma forma de libertação.

É por isso que é tão preocupante a crise que a ciência atravessa ultimamente. A ciência sofre hoje os ataques selvagens de setores anti-intelectuais que querem desacreditá-la sem nenhuma proposta melhor para pôr no lugar. Creio que essa reação anticientífica se deve, em parte, pela mistificação criada em torno da autoridade científica. Essa mistificação, por sua vez, provavelmente se deve ao ainda pouco democrático acesso às instituições científicas. Um cenário que se agrava drasticamente quando um punhado de bilionários passa a ter mais poder, a nível global, do que o restante das instituições e agentes sociais.

A ciência está em crise, assim como a filosofia, assim como a arte. Todas as atividades de elevação humana estão em crise. Arte, filosofia e ciência, enquanto formas de conhecer, enquanto círculos da cultura, e enquanto formas de elevação humana estão em crise, mas essa crise não se deve às diferenças entre elas. Os ataques à cultura vêm de um terreno externo, ou de um círculo mais básico da produção da cultura, que são as relações de poder, a política.

Em tempos de capitalismo tardio, o terreno do conhecimento encolhe na medida em que aumenta o acúmulo de riqueza. Feliz, ou infelizmente, o terreno do conhecimento não coincide com os domínios dos bilionários, cada vez mais avessos à cultura. Mas sofre



com a miserabilidade geral criada por estes. Porque arte, filosofia e ciência precisam de abundância para se desenvolver. A notícia boa é que elas sempre deram um jeito de brotar na contramão dos poderes estabelecidos.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mônica (Org.), *Mito*. Belo Horizonte: Núcleo de Filosofia Sônia Viegas, 1994.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Col. Os Pensadores)

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 1993.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. Tradução de Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FOUCAULT, M. O que é um autor? in *Ditos e escritos: estética literatura pintura música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MEDRADO, A. Ciência como Continuação da Arte em *Humano, demasiado humano*. Cadernos Nietzsche, 29, Vol. II, p. 293-308, 2011. Disponível online: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7758>

MEDRADO, A. Ciência e liberdade de espírito - uma leitura de *Humano, demasiado humano*. Outramargem - Revista de Filosofia, v. I, p. 25-45, 2014. Disponível online: <https://revistaoutramargem.files.wordpress.com/2014/09/5-n1-medrado.pdf>

MONTAIGNE, M. Do Arrependimento. In *Os Ensaios – Livro III*. Tradução Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE, F. Selected letters of Friedrich Nietzsche. Tradução Christopher Middleton. Chicago: University of Chicago Press, 1969.

NIETZSCHE, F. *Sobre Verdade e Mentira no sentido Extramoral*. Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.



NIETZSCHE, F. *A filosofia na época trágica dos gregos*. Organização e tradução de Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, F., *Schopenhauer as Educator*. In *Untimely Meditations*. Traduzido por J.R. Hollingdale. Editado por Daniel Breazeale. New York: Cambridge University Press, 1997.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano – um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F., *Humano, demasiado humano II*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal – prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Ana Lia Amaral de Almeida Prado; revisão técnica e introdução Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PLATÃO. *Fedro*. In *Diálogos* (vol. III). Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2008.

PLATÃO. Banquete, Fédon, Sofista e Político. [Tradução José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa] Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

POPPER, Karl Raimund. *A lógica da pesquisa científica*. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1975.